

TEATRO

MÁRIO JÚLIO SILVA

«ESCOLA DE MARIDOS»

Molière, como ninguém ignora, viveu exclusivamente para o teatro. Autor, ator, diretor e ensaiador, é sabido que foi a sua obra monumental que projetou seu nome para a posteridade. Juntando-se, porém, à vida as peças do notável criador de "Tartufo", o resultado é uma interessante história cheia de grandes significados e angústia da beleza. Beleza pelo realce da injustiça das coisas em geral; beleza pela ironia trágica, pelo sabor de sangue que vem do seu riso.

A propósito de Molière, disse Goethe certa vez: "O que me agrada mais na sua obra é que suas comédias confiam sempre com a tragédia." É curioso saber que esse senso trágico, esse choro que soluça até no íntimo da sua farsa mais leve, mais divertida, vinha de uma realidade amarga e cruel. Todo mundo conhece aquela história — que um poeta grego contou — do palhaço que estava rindo quando devia chorar. Pois bem, nada parece assentar melhor no caso de Molière. A morte do seu terceiro filho durante uma representação. As intrigas domésticas, as pequeninas brigas caseiras, as histórias de mulheres que enganavam os maridos, todas estas coisinhas que tanto divertiam e divertem os espectadores, nada mais eram do que sua própria e inquieta vida.



NELTA COPELI, graciosa bailarina da revista "Alô! Alô! São Paulo," o sucesso do momento no Teatro de Alumínio.

Molière se parece bem com | princípio de pneumonia saiu

NELTA COPELI, graciosa bailarina da revista "Alô! Alô! São Paulo," o sucesso do momento no Teatro de Alumínio.

Molière se parece bem com aquela personagem de "O homem que ri" de Victor Hugo, que quando chorava dava a impressão de que estava rindo, e todo mundo ria com ele. Portanto, tem razão um certo crítico quando coloca Molière ao lado de Shakespeare, Cervantes, Fielding, Shaw, Mark Twain, Chesterton etc., homens que riem com lágrimas nos olhos, homens para os quais o riso era mais um rictus de dor do que qualquer outra coisa. Para culminar tudo isso, e por extrema ironia, na noite em que com um

princípio de pneumonia saiu de casa para representar "O doente imaginário", morreu no final da peça.

Jean Baptista Poquelin é, enfim, o criador da comédia de costumes e de caráter. E isso ninguém lhe pode negar. É certo que existiram os anteriores — os anteriores sempre existem. Mas nele existiu mais alguma coisa e sobretudo a época, o momento exato: a França escrevia as primeiras palavras da grande revolução. Inegavelmente, ele deu à comédia de costumes o verdadeiro sentido da arte, no mais legítimo sentido clássico.

É de Molière a peça "Escola de Maridos", que José Renato está apresentando no Teatro de Arena. São três atos em versos, magistralmente traduzidos por Artur de Azevedo e o texto conta-nos a história de dois irmãos de temperamentos diversos — Sganarello e Ariosto — os quais são incumbidos por um amigo, à hora da morte, de servir de tutores de duas irmãs. Marcando com habilidade excepcional o contraste de caráter dos irmãos, o autor conduz o espectador através de situações interessantes, deliciosas, pitorescas, não se esquecendo — é claro — de dar o timbre humano na trama psicológica dos fatos.

A firme direção de José Renato nos proporcionou um espetáculo movimentado, bom mesmo, se bem que tenha exagerado no tom caricatural de certas personagens. Apresentando um numeroso elenco, com alguns atores sem muita experiência do palco, aconteceu o que não poderia deixar de acontecer, isto é, a interpretação nem sempre se desenvolveu no ritmo harmonioso que se esperava. Contudo, Waldemar Wey, Riva Nimitz, Floramy Pinheiro, Wanda Primo e Gianfrancesco estiveram à altura do texto de Molière. Principalmente Waldemar Wey nos ofereceu a figura de Sganarello como não poderíamos desejar melhor. Grande ator esse Waldemar Wey. Os figurinos de Willis Souza Castro foram executados com acentuado bom gosto.